

1º: 13 maio  
2º: 13 maio  
fichado todo

Documento 1

## UMA REFLEXÃO SÔBRE A AÇÃO E A IDEOLOGIA

1

transcrição da exposição oral de  
Pe. Vaz em Belo Horizonte.

É difícil, aos elementos já engajados, parar para refletir, pois os elementos de ação são muito abundantes, obscurecendo os da reflexão, têm a tentação de repetir Lenine (in "O Estado e a Revolução") quando afirma que "é muito mais fácil fazer a revolução do que pensá-la". Mas Lenine pensou muito antes de fazê-la e pensou enquanto a estava fazendo; já idoso, leu mesmo a "Lógica" de Hegel, e escreveu notas a respeito dela. Não vamos pedir isto do grupo mas, pelo menos, aí temos um exemplo de que não há possibilidade de dissociação dos dois momentos. É importante insistir, para que o grupo não seja marcado por uma dualidade de tendências, uma mais ativa e outra mais reflexiva. Praxis e ideologia devem ser, para nós, momentos conjugados de dois aspectos.

Este tema é dividido em duas partes: uma predominantemente teórica; outra mais concreta de engajamento, uma manifestação dos postulados teóricos numa conjuntura de realidade brasileira, de opção concreta a ser feita.

Na primeira parte, cumpre salientar três idéias principais que vão comandar a exposição. Estas idéias não têm, em si mesmas, nenhuma especificidade cristã, pois o grupo não tem caráter confessional.

Estas três idéias são:

- 1) a idéia de consciência histórica;
- 2) a idéia da comunicação das consciências como a característica fundamental da história;
- 3) a dialética fundada nessa comunicação das consciências.

### A Idéia da Consciência Histórica

Quando falamos de consciência histórica, assumimos dois elementos, que podemos conjugar sem incidir em nenhum idealismo ou numa concepção determinista-materialista da história: estes elementos são a consciência e a realidade histórica.

O primeiro é retirado de uma reflexão sôbre a história humana, na qual encontramos, de um lado uma perspectiva idealista na qual o elemento consciência seja o elemento determinante, o elemento mesmo decisivo; e, por outro lado uma visão determinista-materialista, na qual o conteúdo material da consciência é o mundo que a ação humana transforma.

\* A noção de consciência histórica procura evitar estas duas perspectivas, idealista e determinista-materialista, procurando mostrar que a história humana só é uma realidade, que pode ser por nós entendida e dialetizada, quando nela o fator consciência (portanto, a consciência dos homens) tem diante de si uma tarefa concreta, primeiro a refletir, depois a executar.

\* Essa tarefa concreta é dada pelas necessidades especificamente humanas do homem numa determinada época da história. Uma série de tarefas que o homem deve executar a partir destas necessidades, que são básicas para sua realização naquela determinada época. A história só é inteligível para nós no momento em que aceitamos que a consciência do homem tem capacidade e poder para interpretar estas necessidades humanas vitais numa determinada época, e, na reflexão sôbre essas necessidades, encontrar a direção de sua ação de modificação do curso da história.

Os dados concretos de consciência histórica são dados pela circunstância concreta tal como é significada pelo homem que se coloca diante dela como um agente transformador.

A consciência histórica substitui a especificidade de "consciência histórica" que é tida como um produto de apêndices do próprio ato de transformar o mundo, ao substituir mundo (como sua natureza e transformar) por História como uma face de existir o mundo

\* A manifestação desse tipo de consciência é o que chamamos consciência histórica, que é, em suma, de um lado reflexão sobre as necessidades humanas vitais numa determinada época; de outro, já uma perspectiva de transformação da realidade, no sentido de satisfazer aquelas exigências.

A noção de consciência histórica implica, antes de tudo, nas possibilidades que tenhamos de definir as dimensões da consciência e, depois definir (ou ao menos sentir) as necessidades humanas básicas numa determinada época.

A primeira possibilidade de definir as dimensões da consciência significaria que o que torna a presença do homem no mundo uma presença de transformação ativa - o que justamente faz com que haja história - é justamente o fato desta dimensão ser, de um certo modo, transcendente ao mundo, que seja capaz de compreender o mundo como uma totalidade que está diante do homem e que o homem tem por tarefa transformar. Se déssemos à consciência apenas uma dimensão de prolongamento linear, contínuo com o mundo no qual o homem se encontra, só por um postulado arbitrário poderíamos dizer que o homem tem capacidade para transformar o mundo e, como consequência, a compreensão da história partiria para nós, de um postulado arbitrário. Mas, no momento em que admitimos que a consciência do homem transcende o mundo, sendo capaz de ter uma visão de totalidade do mundo, capaz de colocar diante de si o mundo como objeto de compreensão e portanto de ação, poderemos então entender o ponto de partida da história, como um movimento dialético de compreensão do mundo pela consciência e transformação do mundo por uma ação que nasce justamente daquela compreensão.

Aqui existe um problema anterior que não será colocado, no momento, para evitar que nossa discussão entre por caminhos filosóficos mais complexos: a gênese da consciência no mundo. Entretanto, no momento que admitimos a existência da consciência no mundo, para podermos definir a consciência histórica, temos que admitir a transcendência dessa consciência sobre o mundo. Esta transcendência, filosoficamente, deveria ser explicada pela gênese da consciência, problema que, repito, estamos omitindo.

Já nesse primeiro momento, podemos adotar uma posição, senão polêmica, pelo menos crítica, com relação a toda concepção que faz da consciência um reflexo da realidade: é a teoria da consciência reflexa, esboçada primeiro por Engels, empregada por razões mais táticas que teóricas, por Lenine, dogmatizada por Stálin, e hoje, embora haja esforços de marxistas modernos para reformulá-la, moeda corrente no marxismo ortodoxo.

A teoria da consciência reflexa diz que nas relações entre a consciência e a realidade, sobretudo a realidade histórica, a consciência refletiria uma situação, antes de tentar a transformação daquela situação.

\* Nossa posição inicial já contém uma atitude crítica com relação à consciência reflexa, porque não podemos admitir que haja uma realidade que seja simplesmente refletida na consciência que já não contenha em si um elemento da própria consciência, que já não tenha sido, de alguma maneira, compreendida e transformada pela consciência. Não podemos entender que o dado colocado diante da consciência seja inteiramente bruto, neutro, que já não contenha em si um elemento que veio da própria consciência, uma perspectiva da consciência, um ponto de vista que vem da consciência. Não recebemos nada em nossa consciência que, de alguma maneira, não tenha implicado antes numa tomada de posição diante do mundo.

A teoria da consciência reflexa, tal como é vulgarizada entre os marxistas ortodoxos tem mais ou menos uma função: a de evitar, a qual

\* sobre a mente julia como complemento de condutas.

ver?

quer preço, um desvio idealista na ideologia marxista. O marxista ortodoxo raciocina da seguinte maneira: se a realidade se reflete simplesmente na consciência, então existe, entre mundo e consciência, uma dualidade de certo modo irreduzível. Nesta perspectiva, justificar o materialismo histórico, o materialismo dialético, torna-se bem difícil. A teoria da consciência reflexa é quase uma espécie de muro para evitar qualquer possibilidade de infiltração idealista na ideologia marxista.

Em nosso ponto de partida - a noção de consciência histórica - podemos já adotar uma atitude crítica com relação a esta teoria de consciência reflexa sem temor de um desvio idealista, porque surge justamente agora o segundo momento, que é a dimensão do mundo, tão importante quanto a dimensão da consciência, para a definição da consciência histórica.

*Mundo como realidade da consciência*

Tão importante, ideologicamente, quanto o primeiro elemento (a consciência histórica), embora dialéticamente subordinado a êle, é o momento do mundo, ou seja, o momento do conteúdo da realidade mesmo, do conteúdo material do mundo.

Não aceitamos, de maneira alguma, simplesmente, que a realidade do mundo seja, numa perspectiva hegeliana, uma exteriorização da consciência, ou uma espécie de ser aparente que a consciência projeta. O mundo existe objetivamente, realmente, independentemente da consciência, fora da consciência, como dado que se opõe à consciência, com o qual a consciência deve lutar para sua compreensão e para sua formação. Neste elemento de mundo é que vai entrar o aspecto das necessidades vitais, humanas, de cada época, que deverão definir a validade, a autenticidade da consciência histórica daquela época.

Este aspecto de mundo, de elemento da realidade, existe objetivamente, e solicita, de alguma maneira, a consciência. Este mundo de que falamos quando definimos a consciência histórica é um mundo humano, é um mundo que não existe para o animal. O animal percebe, pois também tem seu aparelho sensorial, sua percepção, mas percebe um mundo animal, que não é o mundo que estamos considerando em termos de consciência histórica. Para nós, o mundo humano é aquela realidade, que de alguma maneira tem significação para o homem, que o homem pode compreender e portanto transformar; no qual o homem pode inserir e desenvolver sua existência, segundo as exigências mais profundas e fundamentais de sua própria natureza, de sua própria essência de homem.

Aquí também o marxismo ortodoxo levanta suas objeções: se o mundo é para o homem, incidimos numa alienação idealista. Isto significaria fundamentar uma espécie de arbitrariedade histórica, no sentido de que o homem entende o mundo, que um homem particular ou uma classe entende o mundo. Como raciocina o marxismo ortodoxo, existe um mundo que evolui segundo as suas leis imanentes e que impõe a validade destas leis e destas exigências independentemente do fato dêle ser para o homem. Por isto mesmo é que numa determinada época, suponhamos, o mundo da promoção, o mundo da socialização da propriedade não seja o mundo para o capitalista, no sentido que êle não interessa ao capitalista; êle é um mundo para o homem porque naquele momento êle representa uma exigência básica de humanização.

A esta objeção do marxismo ortodoxo responderíamos: quando falamos que o mundo se opõe à consciência e é um mundo para o homem, o dizemos num sentido de uma exigência de universalidade. O mundo é para o homem no sentido de que, num determinado momento da história aquela significação não é dada nem pelas consciências singulares, individuais, nem por uma exigência ideológica de classe ou de grupos, ou de uma filosofia qualquer, mas é uma exigência de universalidade; e, neste sentido, é um mundo para o homem enquanto é o mundo para o homem universal, um mundo que permite - como veremos mais adiante - a comunicação das consciências.

A significação do mundo para o homem, numa determinada época, será válida no sentido em que ela permita que os homens se comuniquem entre si, que haja, portanto, um elemento de universalização das consciências e não um elemento de divisão histórica, de impasse histórico, pela separação das consciências.

\* A noção de consciência histórica, portanto, apresenta o homem como ser consciente, que tem uma dimensão específica nesta sua consciência, que é compreensão do mundo como um mundo para o homem, um mundo no qual se desenvolve a história humana. Esta compreensão traz em si dois elementos principais: Primeiro: a consciência, para compreender tem que transcender o mundo. Segundo: o mundo, para ser compreendido, tem que ser um mundo para o homem, de alguma maneira ordenado para o homem, para a compreensão e para a ação humana.

*consciência histórica = consciência do homem como transcendência sobre o momento de história do mundo, como significado + mundo humano, como*

A Idéia de Comunicação das Consciências

Como vamos estabelecer uma dialética histórica? Dialética significaria compreender uma realidade de tal forma que os elementos que parecem se opor, num primeiro momento dentro daquela realidade, encontrem uma conciliação, uma síntese, na qual eles não são excluídos ou destruídos, mas, de um certo modo, recuperados numa significação, numa perspectiva nova que é justamente a perspectiva sintética. Em termos mais gerais diríamos então que é possível a compreensão dialética de uma realidade.

Para nós, se trata de definir como podemos compreender dialeticamente a história e situar o porque da importância desta compreensão.

Só a compreensão dialética nos permite analisar, num determinado momento da história, quais são os elementos que entram em conflito, e que portanto estão dando dinamismo à história; e compreender também como há uma possibilidade de síntese, de conciliação destes elementos, o que é justamente a saída da história para um novo avanço, para uma direção nova, inclusive para a superação de um impasse. Por isto é importante compreender a história dialética e não contemplativamente.

Sabemos que devemos a Hegel a primeira idéia de compreensão dialética da história. Na verdade, a dialética hegeliana não é mais que uma reflexão sobre a história. Hegel foi o primeiro filósofo que fez do problema da história o ponto central da filosofia e ao qual os outros, de alguma maneira, se subordinaram. Devemos a Hegel ter nos ensinado que não há possibilidade de compreensão da história que não seja dialética. Mas, a partir mesmo da noção de consciência histórica, a nossa compreensão dialética da história não será uma compreensão de tipo hegeliano, porque para tal era necessário que a consciência fôsse, não só transcendente à história, mas, de alguma maneira criadora da história. Isto já excluimos, quando admitimos o mundo como um dado que se opõe à consciência, que é irreduzível, embora ordenado a ela.

A Dialética

Vamos tentar estabelecer um esquema de dialética histórica, cuja noção central é a comunicação das consciências.

Só começa a existir história quando um homem se coloca diante de outro e lhe transmite uma significação que êle dá ao mundo no qual os dois se encontram. Neste momento, surge uma relação entre dois homens, entre estas duas consciências, que é uma relação especificamente histórica, porque neste momento um homem comunicou a outro, entrou em comunicação com outra consciência, de maneira que a significação do mundo adquirida pelo primeiro homem passa a ser também apreendida pelo segundo, mesmo que seja em termos de imposição, de dominação.

Exemplifiquemos com Hegel: êle apresenta o início da história -

através daquilo que chamou "a dialética do senhor e do escravo". - um esquema dialético fundamental para compreendermos a história. São duas consciências que entram em luta para dar ao mundo uma significação de serviço a uma delas; o êxito da luta vai conduzir à servidão de uma das consciências, submetida à outra. Esta luta, sendo uma luta de morte, não termina com a morte, ou a história nunca começaria. Ela começa justamente porque uma das consciências aceita a dominação da outra e torna-se, para a outra, instrumento de utilização do mundo, torna-se escrava.

É este o exemplo da dialética da dominação, em que o mundo serve de intermediário para as duas consciências, de mediador. Façamos uma hipótese de que não houvesse mundo ou de que o mundo não tivesse uma realidade própria: neste caso, não haveria dialética de comunicação das consciências. Não haveria, portanto História, porque não haveria instrumento para esta comunicação. Não haveria meio e as duas consciências seriam inteiramente fechadas em si mesmas, sem abertura para uma realidade fora delas. A consciência, por definição, é interiorização, mais, ao mesmo tempo, é abertura para o mundo.

Vemos, portanto, que a dialética da comunicação das consciências tem três termos: duas consciências que se opõem e um termo que media entre estas duas consciências opostas: o mundo, que elas devem compreender e transformar e inclusive utilizar para sua realização humana.

Como compreendemos a marcha da História como uma dialética da comunicação das consciências? A História, realisticamente, deve ser compreendida como algo trágico e áspero para o homem. Não há possibilidade de se compreender a história como uma espécie de romance em que as situações intrincadas encontram sempre um desfecho feliz. A História, nós a compreendemos sempre como uma luta e essa compreensão vem do fato de a consciência humana ser aberta para o mundo e este tornar-se, portanto, o lugar de realização destas consciências, sendo as consciências humanas plurais, múltiplas.

O problema filosófico da pluralidade das consciências não será abordado aqui. Mas o fato das consciências serem plurais e se encontrarem no mundo, traz inevitavelmente para a dialética da História um caráter de luta e, de alguma maneira, um caráter de tragicidade e a possibilidade fundamental de uma alienação das consciências, que é justamente a possibilidade da dominação de uma consciência sobre a outra.

A história marcha através desse tipo de dialética, daí o fato de se apresentar, irrecusavelmente, como o desenrolar de uma luta das consciências dos homens para se reconhecerem, em primeiro lugar, porque se não houvesse reconhecimento dos homens entre si também não haveria História. Na dialética hegeliana do senhor e do escravo, p.ex., se não chega o momento em que o escravo reconhece o seu senhor não se teria a relação de escravidão, de servidão.

Em primeiro lugar, portanto, a dialética histórica como dialética de comunicação de consciências é a dialética de um esforço, de uma luta dos homens para se reconhecerem uns aos outros, para se identificarem como homens num mundo que eles devem conhecer e transformar. Ao mesmo tempo, esta dialética do reconhecimento é uma dialética de luta, porque a comunicação das consciências se faz através de um mundo que o homem tem interesse em compreender, transformar e utilizar para sua realização humana.

Qual o sentido geral da marcha da História através dessa dialética da comunicação das consciências? Aqui entra um elemento importante, que para os cristãos encontra fundamentação explícita na Revelação e para os não-cristãos pode encontrar justificação no seio mesmo da própria dialética histórica, isto é, que a História humana realmente seria uma espécie de absurdo total se não se admitisse uma comunicação de consciências que marchasse, pouco a pouco, para um reconhecimento total, não em

Teilhard  
Marx

têrmos de luta, mas de conciliação.

Realmente, deveríamos dar nossa demissão face à História e face à tarefa humana de cada um de nós, se não admitíssemos a possibilidade de que a dialética da comunicação das consciências supere uma dialética de luta para uma de conciliação. A compreensão dialética da História nos dá esse dois elementos que são duas consciências que se degladiam, e nos dá também um elemento intermediário, o mundo que elas devem transformar. Existe uma síntese possível para esta dialética, que é a síntese que se vem realizando na História, inclusive que vem impulsionando a História para a frente. É a síntese em termos de dominação.

A História, até hoje, foi sempre isto: um homem que dominou outro, ou grupos humanos que dominaram outros grupos, em termos os mais variados possíveis. Estes termos são acidentais em relação à essência do movimento. (por exemplo, em termos de nação que domina e de nação que é dominada; em termos de coalisão de nações; ou, mais concretamente e mais perto de nós, em termos de meu vizinho que, de alguma maneira, ainda que não me conheça, tem para comigo uma relação de dominação, por alguma maneira, por uma circunstância qualquer: por uma situação social, pelo tipo de sua presença na sociedade, etc. Ou êle me domina ou eu o estou dominando.

Este tipo de síntese da dialética histórica, que é a relação de dominação, é qualquer coisa que não se põe em dúvida, porque é a experiência humana da história.

Acho importante que, para formular uma base ideológica para nossa ação, admitamos a realidade deste tipo de síntese, mas não a consideremos uma síntese final. Pois a relação de dominação transformaria a história num absurdo ou então numa marcha cada vez mais acelerada para um impasse definitivo em que não haveria mais possibilidade de nos reconhecermos, de os homens se reconhecerem entre si, impasse que poderia terminar, por exemplo, numa catástrofe, numa explosão atômica ou algo similar.

Teríamos, portanto, de admitir que a síntese em termos de dominação não é a síntese final da história, não é sua significação última, mas que através dela, pouco a pouco vá se manifestando um sentido mais profundo para a história, que é justamente a síntese em termos de reconhecimento, de reconciliação, em termos de aceitação dos homens: que os homens se aceitem entre si, como homens, através de suas exigências mais profundas como pessoas.

Dizia que temos na Revelação cristã um dado explícito que nos permite uma opção, no sentido de aceitarmos a história, não como um impasse em termos de dominação, mas como uma marcha vitoriosa em termos de reconciliação. Este lado é o valor absoluto que o homem recebe na perspectiva cristã - a dimensão radicalmente antropológica da concepção histórica do cristianismo. A explicação dada até agora tem uma transposição teológica e mesmo Hegel e Marx (os que refletiram e vulgarizaram uma concepção dialética) não foram, provavelmente, imunes, em sua reflexão e elaboração, à influência do cristianismo.

Esta transposição teológica existe no sentido de que para o cristianismo, para a visão bíblico-cristã do mundo, a dialética da história, em termos de luta e de dominação é o que chamamos, em última análise, de pecado. A visão cristã nos diz que a história humana em termos de dominação ou, teologicamente, em termos de pecado, não é a compreensão profunda, a inteligibilidade radical: isto só acontecerá numa síntese em termos de reconciliação, numa valorização absoluta do homem, numa transposição do homem para um plano de valor absoluto que é o próprio plano divino. Em outras palavras, para o cristianismo, a compreensão definitiva da história é dada pelo dogma da Encarnação, pela presença do Cristo que veio dar testemunho da reconciliação total, definitiva dos homens ou melhor, de uma compreensão da história, que não seja aquela em termos de luta e de

7  
dominação, mas que seja de compreensão ou, como dizemos em termos teológicos, de caridade e de amor.

\* A concepção de consciência histórica se prolonga numa concepção dialética da história como comunicação das consciências. Assim, poderíamos testar a validade da consciência histórica de uma época, descobrindo em sua formulação o elemento predominante, a significação última que ela dá à história, ou em termos de dominação, ou em termos de conciliação. Uma consciência histórica que chamaríamos de autêntica numa determinada época, seria aquela para a qual a dialética histórica não se resolvesse, em última análise, como dominação de um homem sobre o outro, mas como reconhecimento mútuo do homem.

\* Para o progresso da história, é necessário que os cristãos se situem numa perspectiva de pura conciliação, numa espécie de esperança escatológica.

Em suma: a compreensão do mundo não pode ser dada pelo indivíduo separado e isolado, mas pelo indivíduo enquanto ele se comunica com os outros. Esta comunicação tem dois aspectos contrastantes: a luta e a reconciliação. A marcha da história e o sentido de nosso próprio engajamento é aceitar o fato da luta e a explicação deste fato numa primazia final dada à reconciliação. Este é o elemento estrutural último da história e precisamos não perdê-lo de vista, ou daríamos margem a concepções parciais ou sectárias da história - por exemplo, a explicação da história numa linha de aparência e não de essência, simplesmente através dos fatores dominantes de uma época, estes fatores são comandados por um movimento fundamental, cuja descoberta é importante. Concretizando mais este exemplo: um dos fatores fundamentais que faz marchar a História em nossa época é evidentemente a transposição do problema da dominação do plano das classes dentro de uma nação, para o plano das nações dominantes e dominadas, desenvolvidas e subdesenvolvidas.

Perderíamos de vista uma perspectiva fundamental e decisiva para nós se, à maneira da tese exposta no livro de Vieira Pinto "Consciência e Realidade Nacional" obliterássemos e eliminássemos a dialética estrutural da história em benefício do fator dominante de uma época, que deve ser explicado por aquela dialética fundamental, e não assumir função de explicação definitiva e total. Vieira Pinto coloca ser na nação comandando a inteligibilidade última da consciência do homem e portanto não tendo possibilidades de explicar a comunicação das consciências senão dentro do âmbito nacional. Por conseguinte, na perspectiva da "filosofia do nacionalismo", a história seria pulverizada numa miríade de consciências nacionais somente entre as quais seria possível a reconciliação definitiva. Isto seria, talvez, uma extrema arbitrariedade, à qual leva a lógica de uma posição como a de Vieira Pinto e alguns teóricos do ISEB, justamente pelo fato de ter sido perdida de vista a articulação fundamental da história, que é em termos de comunicação de consciências e em termos de universalidade e não em termos dos fatores de uma época. Cada época tem suas contradições fundamentais. Hoje temos a relação imperialista, a relação da alienação capitalista e a dominação tecnicista. São fatores da consciência histórica de uma época, mas não vão fornecer a inteligibilidade última da história. Estes serão interpretados através de uma consciência histórica que se articula no esquema fundamental de oposição das consciências e sua reconciliação. O fato de se conseguir, suponhamos, a superação da alienação capitalista (que não acontecerá logo) não indica uma absolvição final dada à História e sua entrada numa fase já escatológica. Enquanto a História marcha há sempre a relação de dominação e conciliação, elas estão, por assim dizer, inexplicavelmente mescladas. O problema do avanço da História é o problema da superação permanente e em círculo cada vez mais vasto; portanto, de universalidade cada vez maior da reconciliação sobre a dominação. Isto nos mostra a história como uma espécie de movimento assintótico, movimento que

vai tendendo para um momento de reconciliação definitiva. Este momento, para o cristão, está situado dentro de sua linha de perspectiva histórica: a esperança escatológica da manifestação definitiva de Deus aos homens. Não sei como o formularíamos numa perspectiva não-cristã. Poder-se-ia, talvez, aceitar esta tendência assintótica, que vai avançando indefinidamente, e na qual as relações de conciliação se universalizam cada vez mais, estando cada vez mais superada a relação de dominação.

---oOo---



